

JORNAL
DO
CONSERVATORIO.

N.º 9.) Publica-se todos os Domingos. (Fev. 2, 1840.)

Qualidades e Deveres do
Comediante.

(3.º ARTIGO.)

⊙ segredo de commover um auditorio sómente o descobrirá quem for verdadeiramente sensível; porque a sensibilidade, para que seja aproveitada, não exige do expectador nem grande uso de theatro, nem juizo muito fino e justo: — si ella é real, todos a comprehendem, todos a sentem, e a applaudem; com tanto que não seja deslocada.

E' por esta ultima razão, que o actor deve aprender a dirigir esta sensibilidade. Si elle se mostra affectado do sentimento vulgar, que convém ás almas fracas, a sua sensibilidade será deslocada; mas si elle se possuir da paixão que o poeta quiz excitar em nós, a sua sensibilidade é natural; e o actor, sentindo só o que deveria sentir, consegue commover-nos.

O caracter do grande actor é não ter nenhum, que predomine: — a paixão que nelle fosse dominante arrastaria todas as outras a esse caracter, e lhes imprimiria uniformidade. Characterisar a verdadeira sensibilidade, e tornal-a universal, só pertence ao peito mais flexível, e por assim dizer, completamente isolado de todas as exclusivas affeições. — Si fosse possível, que o actor abstrahisse de qualquer singular paixão de Comediante, e que o seu coração as apropriasse todas, então as poderia elle reproduzir, como o auctor as sentiu; e' por ventura attingiria o ideal da perfeição. — E' porém de notar, que a palavra *Sensibilidade* não a intendemos sómente por uma disposição á ternura e paixões melancolicas; mas pela faculdade nos possuirmos de toda a especie de sentimento.

A arte jámais poderá, só de per si, produzir o talento do actor; e até sup' il-o lhe será difficil: a reunião da arte e do talento natural pôdem levar o artista á perfeição. — A arte não só aperfeição a intelligencia, mas dirige a sensibilidade: ora os caracteres tragicos

são superiores á natureza vulgar; em tudo devem elles ostentar heroismo, em tudo, até mesmo nas paixões atrozes e furiosas; e por tanto é bem evidente, que a sensibilidade do trágico deve ser regrada pela arte, para que produzindo esta elevação, a entrenhe, e si fôr possível, a augmente; restringindo-lhes tambem os menores desvios, para que a sensibilidade, dividindo-se, se não enfraqueça. E além da hardidesa, e á quem da temeridade, que o actor deverá buscar a expressão justa, isto é, nem muito ténue, nem muito exaggerada, mas grande e bella.

Ouvi M.lle Clairon uma das maiores actrizes que teve a França: — „ Todas as artes, todos os officios têm principios conhecidos; mas para os Comediantes trágicos não existem elles. E' na historia de todos os povos do mundo que o trágico deverá buscar a luz, que o guie: — em lè-a nada faria elle; pois que lhe cumpre appropiada, e familiarisar-se até com minuciosidades, adoptando a cada papel tudo quanto lhe alcançar originalidade, reflectindo continuamente e repetindo cem vezes a mesma coisa para vencer as difficuldades, que ha de encontrar a cada passo. Não basta, que o actor estude o seu papel; é mister, que estude a obra inteira, a fim de lhe di-fargar os fracos, e fazer sobresair as bellas subordinando-se ao todo da peça: é-lhe preciso estudar o gosto do público, prescrutar o coração de todos os que o rodeiam, finalmente discriminar todas as relações, e porquês de tudo quanto vê e escuta: — eis o arduo e secreto lavor do Comediante!

E' além disto neces-ario, que elle aprenda a pensar, e se acostume a cultivar de sentimentos generosos a alma. O homem de honra pôde representar um infame; o homem instruído e pensando com delicadeza pôde representar um creado velhaco ou as grosseiras d'um rustico; porque lhe não será mister senão abaixar-se; mas para pintar a grandeza e virtude do heroe cumprirá elevar-se além da natureza humana; e todos os exforços serão baldados, quando o actor não concentrar no peito o germen e habito de alguma virtude.

Da Imitação.

Não se espere de mim agora, sobre tão vasto, e não fácil, assumpto, um mui largo, e muito methodico discurso: contentar-me-hei de apresentar algumas breves observações, e em estylo tão singello, que facilmente possam ser apprehendidas. Quando os olhos foram deslumbrados pelo fulgor de lumes scintillantes, hão mister de repousar alguns momentos, a fim de que melhor se apoderem do objecto que se lhes offerece.

Imitar é antes uma *necessidade* do que um *preccito* para o artista. Centro onde converge a acção infinitamente variada dos infinitamente variados objectos da natureza, o entendimento do homem é um deposito — um armazem immenso, incomprehensivel, que subministra á nossa alma o só alimento que lhe sustenta a vida. *Pensae, reflecti!* — não ha hi nada de que se occupe nem horas, nem sequer instantes, o pensamento do homem, que primeiro fosse registado naquella aduana portentosa.

O mundo *ideal* não é senão sómente o transumpto do *material*. — Vãamente de ti tudo presume, homem mesquinho! Como és louco! Atraves-te a arrogar-te o que não podia nunca pertencer-te — attriutos do SER perante o qual és nada; mas pejo, e confusão, e vergonha, é então sem falta o que te cabe: a gloria alheia é o teu desdouro! — Debalde o homem lida, e affadiga-se — a sua alçada não pôde nunca estender-se além do limitado circulo que a termina: a natureza é que lhe impoz essa barreira — barreira junto da qual expira, despumando raiva impotente, o orgulho do homem.

Porém, si o que o homem não viu, o que o homem não ouviu, o que não está de nenhum modo dentro da esphera dos sentidos, não pôde ser emprego de suas cogitações — é certo, é fóra de toda e qualquer dũda, que não ha, nem pôde haver para o artista elementos do seu artefacto ideal senão as especies devidas ao mundo material; e, pois que não vive o seu pensamento senão só de-sas mesmas especies, nenhum typo lhe é possível, quando não comprehendo na propria natureza em que e pela qual unicamente existe.

É os centauros — e as serêas — e as bõlgias — e os arabescos — e os grifos, e as fadas, e as gigantes, e os hypogrifos, e... e...!?! — Não me movo. Devaneios — desregramentos da razão, ou da imaginação, fraca base offerecem para sólido raciocinio. Mas reparae, a natureza suggeriu a materia desse artefacto informe — ou já maravilhoso, ou an-

tes estranho, ou como em fim melhor vos possa apazer chamar-lhe. O artista, em delirio, talhou a capricho os moldes; e, vasados em desenho infiel, elementos proprios produziram, em vez de arremêdo, uma falsificação da natureza.

Do topo de dous mil annos *Aristoteles* está bradando — *Mignois!* — Do topo proximadamente immediato *Horacio* está repetindo — *Imitatio!* — e em côro por toda a parte, e até hoje, echõa entre os adeptos a voz solemne dos Antistites Supremos — *cumpre ao artista imitar a natureza!* —

Esta voz, este preceito, este sentimento dos litteratos do mundo inteiro por vinte séculos, será por ventura uma mera ficção? Será por ventura certo que, contra o que está no homem e nas cousas, tenha o tempo consagrado a mentira, tributando-lhe as honras da verdade? Um século, e outro século, e vinte séculos hão confirmado como juizo da natureza aquelle unanime consenso — e um século, e outro século, e vinte séculos não podiam deixar de ter, de ha muito, dissipado enganosas invenções do homem.

O mister do artista não é, que não o pode ser, senão materialisar as concepções derivadas da observação do universo. — O universo do artista, é — tudo que *foi* — tudo que *é* — tudo que se imaginou que *fosse* — tudo que não é impossivel que *seja*. — Fóra, além deste universo não vae, que isto lhe foi negado, o espirito do homem, — e este universo é a NATUREZA.

Crear existencias — não é de quem de si nada ha, de quem deve essa mesma tão mesquinha de que se ufana. *Achal-as* — eis ali a perfeição da arte, — eis-ahi até aonde pôde chegar o poderio de que blasonas: — então terás *inventor*, e haverás a gloria porque tão ansioso almejas, porque morres.

Querias-te original! — e que é a originalidade! — Não commum, mais que muito é para ser acatado teu ingenho; si vale a desenvolver, e fazer germinar tão viçosas, que ostentem pompa não vista, e louçania estranha as sementes, que provida e liberal te confiou a natureza. Até aqui; — não vae mais longe o homem.

De que tracta? — qual empenho prende o artista? — Anima a tela! — faz respirar o marmore, o bronze, a madeira, o barro? — em gestos representa-nos o enleio da surpresa, o furor das paixões? — nos sons do seu alaúde tempesteam os ceos e a terra? — povoa nos a alma, o coração de imagens, de sentimentos gratos, horrorosos? Emb'ora! — ávan-te! — mas tu não fazes senão reproduzir *Similhanças* que (com quanto máo grado teu é força confessal-o) dispersas hauriste desse univer-

so que só conheces, da natureza, que em ti, e em que tu vives. Feliz, e mil vezes ditoso, si, deparando-te propicio fado relações características, relações verdadeiramente appropriadas á intenção que te domina-te é dado idealisal-as de modo, que a mentira que traças affigure a verdade, cujas feições te foram elemento da feitura que perfizeste! — Se por ventura assim foi, conseguiste o fim! — constrangeste-nos a volver sobre nosso proprio pensamento, obrigando-nos á comparação! — triunfo e louvor te são devidos, que nos deixaste contentes de ti, e de nós mesmos!

A natureza inteira — eis-ahi, artistas o vosso riquissimo — o vosso immenso objecto! *Crear* — é impossivel: *destruir* — é de-fezo: *seguil-a*, *imital-a* — é o que vos resta!

Não mais por hoje, e como ha muito ainda para dizer, ainda desse muito direi alguma cousa.

J. M. L.

THEATRO NORMAL DA RUA DOS CONDES.

RUY BRAZ.

Drama em 5 Actos

Por Mr. Victor Hugo.

Este drama tão cheio de emoções pungentes, com um heroe dotado dos mais nobres pensamentos, um heroe grande na desgraça, na prosperidade, tão sublime, e interessante sempre, — este drama, *Ruy Braz*, o digno irmão de *HERNANI*, foi á scena pela vez primeira em Lisboa na noite de 28 de Janeiro. — E' elle, pela invenção e stylo tam notavel; que tencionamos dedicar-lhe mais do que um artigo, e diremos tambem alguma coisa do prólogo do mesmo drama; prólogo em que Mr. V. Hugo desenvolve o pensamento da sua obra, pateenteando uma página do livro de suas intenções dramaticas. — Vamos por isso transcrevel-o na sua integra, para podermos tractar conjunctamente do *Ruy Braz* e do seu prefacio. — D'es-a obra tão palpante de vida, tão splendente de fins e variados matizes, tão poderosa em forma, sómente nos será licito appresentar em amorticido e descorado transumpto! — Precalsos do critico! que com o duro e acicalado scalpelo não teme dissecar um corpo que era o enlevo dos que o viam, a feitura bella do que o formou á sua imagem e simlhança: a esses formosos membros em breve tracto os faz o critico pedagogos tediosos e miserandos! . . .

Ruy Braz é um homem do povo que morre de amores pela rainha d' Hespanha: fez-se lacaio d'um fidalgo de sua casa para poder contemplar alguma vez o real objecto da sua affeição; porque unicamente a libré lhe facultará ingresso no paço, a elle (miser!) a quem não foi dado nascer Grande d' Hespanha. Seu amo, que tem motivos de odiar a rainha, imagina uma vingança inaudita. Veste de conde á *Ruy Braz*; cinge-lhe requissima espada; dá-lhe o nome de um seu parente, sobre modo extravagante, ao qual fez sumir, para não desarranjar os seus projectos; e diz-lhe depois: = Vae corre ao palacio, e a rainha que te ame! . . .

O pobre do lacaio obedeceu sem lhe passar pela idéa que intentavam fazer delle um instrumento de vingança; — já está ao lado da soberana! — Mas *Ruy Braz* só a libré tem de lacaio, porque a sua alma é nobre e grande, e seu peito um volcão onde reférve o genio: — eil-o ministro, eil-o amado da rainha! Ajudado, animado pela sua real amante já elle medita a ventura d' Hespanha, a reforma dos abusos, e se exforça por elevar-se d'alma e coração té áquella que lhe deu seu amor. A gloria e prosperidade se lhe patenteavam; mas o demonio apparece então, e todas as suas illusões, toda a sua alegria, todo o porvir de gloria se esvae-cem! . . . — O demonio é o Grande d' Hespanha que vem gritar aos ouvidos da rainha: — Amas um lacaio! — E' força renunciar ao throno e ás grandezas, ou ver assoalhar os seus vis amores com um homem do povo. — *Ruy Braz* devora em silencio as humilhações todas; mas quando ouve o infame ultrajar a rainha, oh! então elle toma uma espada; e o miseravel que não temeu quebrar duas existencias, que o coração tinha prendido uma á outra, o miseravel cae mortalmente ferido. *Ruy Braz* lança-se depois aos pés da rainha, supplica-a largo tempo, mas, vendo-a inflexivel, se envenena e morre e leva consigo o perdão e a derradeira palavra de amor da real amante: — „ *Ruy Braz*, eu te amo! . . .

O assumpto como se vê é extraordinario, fertil em emoções; e V. Hugo o tracta com uma superioridade incontestavel. A exposição é por extremo clara, o interesse crece ao mesmo tempo que a acção caminha e se desenvolve, e o desenlace vos deixa no coração vagas tristezas, e melancholico terror.

O terceiro e 5 actos são de muito grande belleza, opulencia de idéas, e poesia. — Polo estylo e maneira porque é conduzido, diria que o 4.º acto era uma pega em separado, uma comedia engastada no drama; mas uma comedia perfeitamente comica, cujo dialogo se succede vivo, lampejante, facil, e com a maior originalidade. O drama poderia rigorosamente prescindir deste 4.º acto, mas perd-riamos en-

tão a comedia mais spirituosa que de ha muito se tem visto. --- Da poesia nada diremos, pois que todos conhecem as sublimes inspirações do vate das *Orientaes*, das *Folhas do Ouono* &c.

Temos feito um grosseiro esboço do célebre drama de Mr. V. Hugo com a maior generalidade, sem descer a nenhuma das hypothses artisticas que cita, e sem insistir em muitos pontos, que, incluindo a idéa principal --- amores d'um lacaio e uma rainha, são aggreddidos fortemente por criticos de nota. Entre outros dois motivos principalmente a isto nos levaram. 1.º O entusiasmo e enlevo de que o drama nos tomou, prendendo por ora a nossa imparcialidade: 2.º o julgarmos que a analyse critica de obra de tanta monta deve ser feita com mais repouso e circunspecção; reservamol-a pois para os numeros seguintes.

A traducção (antes imitação) que, por ser em prosa, algum tanto escurece as bellezas de estylo e dicção, de que tanto é abastada a peça, nos pareceu geralmente boa, tanto na pureza da phrase, como na bem sustentada propriedade do estylo; levando muita ventagem a quasi todas as que de largo tempo se têm ouvido no theatro da Rua dos Condes. Não é fácil empenho a versão de qualquer obra do tão poetico e arrojado Hugó; e por isso ao traductor cabem de justiça louvores pela maneira distincta com que a executou.

Não affirmaremos entre tanto que a versão seja izenta de defeitos: parece-nos que as expressões --- *horriavelmente bêbado*, e --- *ao contrario* -- não são muito portuguezas; e que além disso no segundo acto, scena 2.ª, não se corresponde ao pensamento „ *Que c'est faible une reine et que c'est peu de chose!* „ como o outro „ *Como é insignificante uma rainha!* ... --- sendo tambem pouco elevado o termo --- *insignificante*.

Da execução mais de espaço falaremos, porque o gosto, com que ouviamos o drama, nos não consentiu analysal-a com vagar: cumpre porém confessar que foi muito melhor do que se esperava, attento o diminuto pessoal do nosso theatro. O Sr. Matta especialmente fez muito mais do que seus meios promettiam, e se distinguio no difficil papel de D. Salustio; porém o Sr. Matta visto que não duvidou encarregar-se delle, conseguindo em parte vencer os seus exforços, deve estudar e meditar com toda a attenção e fervor o que ainda lhe falta, que é alguma coisa. Em o 3.º acto toma um ar escarnecedor e ironico em demasia; quando aliás deve mostrar-se mais moderado e frio; deve ter o orgulho do demonio sob a altiveza do Grande de Hespanha; --- o actor que

desempenhar este papel deve (seguinto as mesmas expressões de V. Hugo) mostrar um ar tranquillo, sinistro e grande, com duas explosões terriveis, uma no principio, outra no fim.

Em quanto aos outros actores falaremos pausadamente de cada um, sendo justo confessar desde já, que se tornaram dignos de elogio na execução dos difficeis papeis que lhe foram distribuidos.

Reservámos para o ultimo periodo falar do acolhimento do famigerado drama de Mr. V. Hugo, e oxalá que o dever de Journalista nos não obrigasse a fazel-o nunca; porque então não teriamos tambem de publicar, que foi pateado em um Theatro portuguez. --- Muito embora haja nelle coisas que não possam adoptar-se; muito embora, que uma obra tal jámais era para ser pateada, já que não applaudida. --- Desagrada á nossa susceptibilidade aquelle beijo d'uma rainha, desagradam ainda outros pontos; --- sejam reprovados ostensivamente, mas nunca recáia o anathema sobre uma peça inteira, que é feixe de não vulgares bellezas; pois que dest'arte daremos um triste documento do nosso máu gosto e falta de civilisação.

Voltemos ao compositor original, e demos-lhe a palavra que fale pelo seu proprio prologo; que em verdade é uma transcendente e luminosa arte poetica-dramatica que assim damos a nossos leitotes.

PROLOGO DO DRAMA

RUY BRAZ

Por M. Victor Hugo.

Prespecies de expectadores constituem o que per ahí se chama público; em primeiro lugar as mulheres; depois os homens pensadores; e por ultimo as turbas. Acção, eis o que as turbas quasi exclusivamente exigem da producção dramatica: paixão, de preferencia a tudo o mais, eis o voto feminil: são para os pensadores os characteres. De um reflectido estudo ácerca de-tas tres classes de expectadores, colhem-se os resultados seguintes: de tanto preço é para as turbas a acção que por ella dariam de barato os characteres e as paixões (1). As mulheres, sem que sejam indiferentes á acção, tanto

(1) Isto é, o estylo. Porque si a acção póde em muitos casos exprimir-se pela propria acção, as paixões os characteres não poderão exprimir-se, com poucas excepções, senão pelas palavras. Ora, a palavra no theatro, a palavra applicada e não fluctuante, é o estylo.

Fale a personagem como deve falar, *sibi constet*, diz Horacio. Tudo n'isto se cifra.

as absorvem os desenvolvimentos da paixão, que pouco as preocupa o desenho dos characteres: quanto aos pensadores, tanto os deleita observar na scena a vida dos characteres, ou dos homens, que, acolhendo de bom grado a paixão como incidente natural do drama, quasi que são levados a considerar a acção como um topico que os molesta. Isto provém de que o vulgar requer especialmente do theatro sensações; a mulher, emoções; o pensador, meditações; todos vão por um prazer, mas é o prazer dos olhos, do coração, ou do espirito, que a cada um satisfaz. D'ahi resultam para a nossa scena tres especies de obras bem distinctas, uma vulgar e inferior, as outras duas illustres e superiores, porém satisfazendo todas tres: o mélo drama é para as turbas; para as mulheres a tragedia que analysa a paixão; para os pensadores, a comedia que pinta a humanidade.

Digamol-o de passagem, não é nossa tenção caracterisar de rigoroso o que dizemos, e ao leitor pedimos que prehenha em o nosso pensamento as restricções que nelle possam dar-se. Todas as generalidades admittem excepções; muito bem sabemos que constituem as turbas uma grande massa onde de tudo se encontra, o instincto do bello bem como o gosto pelo mediocre, o amor do ideal como o appetite do commum: tambem não ignoramos que um perfeito pensador deve ser mulher no delicado do coração, e as-as conhecemos que, graças a essa lei mysteriosa que liga um ao outro os sexos pelo espirito como pelo corpo, bem vezes em uma mulher se encontra um pensador. Dados estes principios, e, rogando novamente ao leitor que não tome em sentido muito absoluto algumas palavras que ainda temos a dizer, continuamos.

Todo aquelle que fixar sérias vistas sobre as tres especies de expectadores de que temos a falar sem hesitação concluirá que todas ellas tem razão: as mulheres em quererem ser commovidas; os pensadores em se desvelarem por ser ensinados; as turbas em desejarem divertir-se. D'ahi se deduz a lei do drama. E na verdade além dessa barreira de luzes que separa o mundo real do mundo ideal, crear e fazer viver, nas condições combinadas da arte e da natureza, characteres, isto é (ainda o repetimos) homens; infundir nesses homens, nesses characteres, paixões que modifiquem uns, e desenvolvam outros: finalmente do encontro destes characteres e paixões com as grandes leis providenciaes fazer brotar a vida humana, quero dizer, acontecimentos grandes, pequenos, dolorosos, comicos, terriveis, contendo para o coração esse prazer a que chamam interesse, e para o espirito essa lição chamada moral; tal é o fim a que tende o drama. E' bem evidente que o drama toma da tragedia porque pinta paixões, e da comedia porque desenha characteres. O dra-

ma é a terceira grande forma da arte, comprehendendo, encerrando, e fecundando as duas primeiras. Corneille e Moliere existiram independentemente um do outro si Sh kespeare e Moliere não interpozesse dando a mão direita a Moliere e a esquerda a Corneille. D'este modo as duas electricidades oppostas da comedia e tragedia se communicam, produzindo uma faísca; e essa faísca é o drama.

Explicando, segundo as intende e já por vezes ha indicado, o principio, a lei, e o fim do drama, está o auctor bem alheio de a si proprio dissimular a escacez de suas forças, e o acanhado de seu talento. O que elle aqui define, não haja illusão, é o que pretendia fazer, e não o que executou. Revela o ponto d'onde incetou esta sua carreira; e nada mais.

Poucas linhas nos cabe escrever antes de começar este livro, e falta-nos espaço para nos desenvolvermos como nos era de mister. Permitta-se-nos pois, sem mais nos demorarmos com transições, passar das idéas geraes que acabamos de expender (e ás quaes, guardadas todas as condições do ideal, julgamos subordinada toda a arte) a algumas das idéas particulares que este drama, *Ruy Braz*, possa excitar nas mentes reflectidas.

E primeiro, para considerar a questão por um só dos seus lados, e em relação á philosophia da historia, qual é o sentido d'este drama? — Expliquemo-nos.

Quando uma monarchia váe a desmornar-se muitos phenomenos, podem ser observados. E' a nobreza a primeira que tende a dissolver-se; não tarda pois em se dividir; e o modo eu vol-o explico.

O reino vacilla de abalado, extingue-se a dynastia, caem per terra as leis; sacudida pelos impulsos da intriga quebra-se, esmigalha-se a unidade politica; quanto de elevado tem a Sociedade, tudo degenera e viciado definha: uma debilidade mortal se apossa de todos, no interno como no externo; tudo quanto era grande no estado, caíu; só permanece o que é pequeno, triste espectáculo publico; policia, exercito, fazenda, finou-se todo, e cada qual adivinha que está proximo o fim. Então não ha li quem se não enfastie do presente, quem não tema o porvir, quem não olhe desconfiado para os outros, quem não esmorega desgostoso. Como a doença do Estado é na cabeça, cabe á nobreza partilha-a primeiro, porque lhe está logo immediata. E que será della? Uma parte dos fidalgos, os menos probos, e mais destituídos de generosidade permanecem na côrte. Tudo váe a pique, urgem as horas, ávante; amontoem-se riquezas, arme-se a novas honras, aproveitem se as circunstancias; cada qual trate só de si proprio. E então cada qual, esquecido que tem patria, ageita para si

uma pequena fortuna particular n'um angulo recondito do grande infortunio publico. Um faz-se cortezão, outro chega a ser ministro, todos se apressam em ser felizes e poderosos. São espirituosos, tornam-se depravados, e têm feita a sua fortuna. As ordens do Estado, as dignidades, os logares, o ouro, tudo serve, tudo se ambiciona, tudo se arrebatada. Ambição e cabeça, eis os dous unicos elementos porque esses homens vivem. Um exterior grave e composto esconde as intimas desordens e desconcertos da infirmitade humana. E como essa vida refocilada nas vaidades e prazeres do orgulho tem por condição primaria o olvido de todos os sentimentos naturaes, cada um se torna feroz. Quando chega o dia da desgraça, como que monstruoso começa de mostrar-se o já obscuro cortezão, e o homem se transforma em demonio.

O estado de desesperação em que se acha o reino, impelle a outra parte da nobreza, a melhor e mais bem nascida, por bem diverso caminho. Esta busca o retiro, e se recolle aos seus palacios, castellos, ou senhorios. Nada quer saber do que váe, porque a nada pôde dar remedio; está proximo o fim do mundo: e que importa: para que desolar-se? O melhor é aturdir-se, fechar os olhos, viver, amar, beber, gosar. Quem sabe si um anno inteiro poderá contar de porvir?

Dito isto, ou simplesmente sentido, o fidalgo decide-se per uma vez, augmenta o numero dos creados, compra cavallos, enriquece mulheres, ordena festas, paga orgias, espende, dá, vende, compra, hypotheca, empenha, devora, entrega-se a usurarios, e lança fogo aos quatro angulos do seu patrimonio. Accorria uma manhan, e acha-se desgraçado. A monarchia caminhava a passos largos, mas elle lha passou adiante, e chegou primeiro á sua ruina. Tudo se acabou pois, jaz tudo em cinzas: e de toda essa donosa vida lampejante, nem já resta o fumo; voou: cinzas e nada mais. Esquecido e abandonado per todos, excepto pelos seus crédores, toma o pobre fidalgo o rumo que pôde, e se torna um mixto de aventureiro, arruador, e vagabundo, mergulha-se e some-se no meio das turbas, grande massa livida e escura, que até então não vira senão de longe e sobranceiro: ahí busca refugio. Ouro já não tem elle, mas resta-lhe a luz do Sol, essa riqueza dos que nada possuem. Habitava outr'hora no topo da Sociedade, hoje tem de contentar-se com o seu humilde alojamento; mófa do parente ambicioso, que gosa da opulencia e do poder; faz-se philosopho comparando já os lastrões aos cortezãos. Quanto ao mais sempre bom, valente, cheio de lealdade e intelligencia; é o poeta, o mendigo, e o principe misturado; rindo de tudo, fazen-

do espancar as patrulhas pelos seus camaradas, como em outro tempo pelos seus creados; aliando ao seu modo, e com algum chiste, a impudencia de marquez ao descaramento de bohemio: manchado no exterior, limpo interior; e não conservando de fidalgo senão a honra que guarda, o nome que esconde, e a espada que mostra. (Continúa.)

CURSO LITTERARIO

DE

Mr. Magnin.

(ARTIGO 2.º)

Que triste não é para um pobre escriptor entrar em a analyse arida e descórada de um assumpto artistico! — e todavia emprehendemos essa taréa: porque a não julgámos destituida de mérito; e porque houvémos por de bastante interesse o periodo, que passamos a examinar: é a época, que ligando o 1.º ao 6.º século, espélha a co-existencia do polytheismo e do christianismo, e offerece uma singular *dualidade* da arte e poesia.

A idéa, que devia operar uma revolução na arte dramatica, assim como em outros muitos importantes objectos, acabára de nascer. Sotoposta a essa Roma dos Imperadores, outra Roma, a dos christãos, váe assoando: — o christianismo apparece! Então apparecem tambem as representações lithurgicas nas catacumbas, nos *agapes*, e na celebração dos *natalejos*; e eis-ahi a origem do theatro hieratico christão, que devia ao depois imperar sobre a arte, assim como a religião sobre as sociedades.

No 2.º e 3.º séculos o genio dramatico pagão, inquieto pelo des-nvolvimento, que todos os dias tomava o drama dos christãos, fez todos os esforços para o sobrepujar, mantendo o seu poder. — Eil-o que invocando realidades, se rodeia de pompa e decorações; e, retocando-as talvez, representa as peças de Terencio. Todavia (coisa singular!) o ingenho pagão, que então se deveria ligar com mais fé á pagan crença, entrega os seus deuses, sobre a scena, aos baldões das turbas. — O *testamento de Jupiter*, *Diana açoitada*, e *Os tres Hercules esfomeados*, são titulos d'algumas peças daquella época: — ao mesmo tempo a comedia toma toda a sua personalidade, e a parodia obtem o maior favor.

O drama pagão não se limitou comtudo a ressuscitar as antigas peças; mas compôz algumas: — existe dessa época um drama de *Ezechiel-o-Tragico*, cujo assumpto é a vida de Moysés. E porventura que influia esta peça so-

bre o drama christão; e a esse genero de litteratura devemos outro drama escripto do mesmo modo, que se attribue a S. João Chrysostomo: — intitula-se *O Soffrimento de Christo*.

No 4.º século o theatro pagão, longe de ser abolido pelo christianismo, teve um momento de exaltação: — os Mimos e Saltimbancos gozam de valimento; o circo atráe a multidão; alguns vestigios da tragedia se offerecem; e a comedia produz duas obras, uma de Ausonio, intitulada = *Ludus septem sapientium* =, e outra de auctor desconhecido, cujo titulo é = *Querolus* = comedia tão comprida como as de Terencio, e onde se torna por extremo notavel a infusão das idéas christãs.

Na peça de Ausonio vem os sete sabios, cada um por sua vez recitar um monologo; de sorte que se os sabios fossem oito ou mais, mais extensa seria ainda a peça. — O *Querolus* (titulo que talvez podessemos verter pelo de Rabugento) é uma peça d'intriga, uma comedia de caracter. O heróe é um homem que se queixa da sorte, e a quem ella torna, a seu despeito, cada vez mais feliz: — pensamento bem christoso e antihefético, como se vê. — As personagens são: um dos deuses LARES, QUEROLUS filho d'EUCLIAO; MANDROGERO magico e parasyto; SARDANAPADO sicophanta; PANTOMALO escravo; &c. — Uma fala de Pantomalo a nada se poderia comparar melhor do que ao famoso monologo de Figaro. E' ella relativa á liberdade dos escravos, e caracteriza a sociedade do 4.º século, como o monologo do Barbeiro a do século 13.

No 5.º século quando já se havia estabelecido um compromisso entre a idéa christã e a do paganismo; apparece um terceiro elemento que, separando as duas idéas, se liga á mais nova para destruir a outra. E esta personagem terrivel que vai entrar em scena, este actor que tem de representar tão cruento e dramatico papel, quem é elle? — São os *Barbaros*!

Ao principio os selvagens conquistadores da Italia não só não destroem o theatro, em quanto ao material; mas o restauram. Conhecendo, que a gloria architectural do povo rei lhe faz impressão; de sorte que só depois da conquista se tornar irrevocavel, é que o theatro pagão desapareceu. Ainda muito ao depois se notaram seus vestigios; porque um grande movimento não acaba de salto; grande estrondo succede a grande queda.

No 6.º e 7.º séculos se encontram monumentos dramaticos bastante notaveis: no *Juizo de Vulcano*, em que falam tres pessoas — *Vulcano*, um *cosinheiro*, e um *padeiro*, ha galantes ditos, ainda que muito mythologicos. — Era porventura um verdadeiro entremez para os festins.

O segundo destes monumentos é o *Occipus*;

e finalmente, a mesma época nos apresenta ainda outro, perdido por muito tempo, e que só foi descoberto no principio do Século XIX. E' um fragmento de uma *CLYTEMNESTRA* que então produziu mui viva controversia entre os eruditos. Escripção em grego, é provavel que esta peça fosse composta no Occidente por algum grego refugiado. O fragmento é de grande valor historico; e delle se póde concluir que no fim do 6.º século havia dois generos de dramas: a nova comedia, e a restauração do theatro antigo; pois que *Clytemnestra* é em muitos logares a imitação do *Agamemnon* de Seneca.

Mr. Magnin faz aqui a primeira divisão do seu *Curso*. E na verdade o 3.º século offerece um periodo artistico differente do que atégora consideramos. O theatro antigo tendia a nacional e popular; a idade-media, que começa no século 8.º inclina a ser aristocratica e hieratica unicamente.

O povo já não existe; nenhum vestigio de nacionalidade se descortina; e este periodo humanitario cifra-se em duas palavras: Igreja e Castello!

Em outro artigo analysaremos o genio dramatico em quanto á sua influencia, e produções na época da unidade catholica, e do maior poder sacerdotal, desde o fim do 7.º ao século 12.

SOCIEDADE

PRAZER INSTRUCTIVO.

Em a noite de 25 do passado assistimos a uma representação que teve logar no theatro da Sociedade *Prazer Instructivo*, existente na Rua do Arco.

Uma reunião de mancebos, pela maior parte artistas, constitue essa Sociedade theatral, cujo fim proficuo, innocente, e agradável, se empenham quanto podem por levar a effeito do melhor modo. Alheios ás devassões e desconcertos de vida; ainda mais estranhos ás intrigas e manejos politicos, tanto em voga nesta nossa época; empregam o tempo que lhes resta das suas obrigações quotidianas em se exercitarem, por gosto que não por interesse, na bella arte da representação, proporcionando além disto a suas familias as proveitosas lições de moral que de ordinario o theatro offerece; e fazendo por desenvolver o germen da civilização, cuja utilidade já todos tanto vão conhecendo.

Folgamos de ver como esses jovens desem-

penharam os papéis que representavam; não seria custoso deparar ali talentos dramaticos e que já muito promettem.

Amor e Vingança, drama do nosso Antonio Xavier, e uma pequena farça antiga, prefereram o espectáculo dessa noite, sendo os intervallos preenchidos com pequenas peças de musica, executadas per uma orchestra proporcionada á grandeza da sala: havendo além disso um concerto de *Corne Inglez* tocado com todo o esmero.

—*—

Chronica Theatral.

○ Nosso Theatro Normal deu-nos esta semana uma pega nova, e recebeu em trôco um triste desengano: quem poderia adivinhar que o bello drama *Ruy Braz* arranharia a cutis delicada, feriria a susceptibilidade do nosso civilisado publico! — Altos juizos de Deus! E esses a quem scandalisou o mui delicado *Ruy Braz*, foram os mesmos que applaudiram com enthusias no as obscenidades da *Torre de Nesle*, e as hediondas abominações de *Lucrecia Borgia*, dignas por certo dos theatros de Nero e Heliogabalo!.. O Camões do Rocio tem continuado com fortuna. — Terça feira 23 do passado foi o beneficio do Sr. Theodorico, sendo para notar que não houvesse em toda a semana uma récita extraordinaria em compensação d'aquella.

No Theatro de S. Carlos não houve novidade. Domingo 26 foi a ultima representação de *Roberto do Diabo*, e por despedida cantaram os coristas quasi pessimamente; o Sr. Conzti parece que estava assás incommodado, pois que a voz lhe faltou umas poucas de vezes e todos repararam que simplificou muito o seu canto, não usando de muitas das costumadas cadencias; esperava-se no transparente alguma desculpa, mas não appareceu. A Sr.^a Moreno foi chamada fóra para ser applaudida depois do seu sóto do 3.^o acto, o qual desempenhou com muita da graça de seu difficulosamente imitado modello M.^{elle} Clara.

Segunda feira 27, em beneficio do Sr. Giuliani, houve um espectáculo mixto, que não desagradou, excepto as variações do Sr. Ayala, as quaes o publico pateou.

Quarta feira não se repetiu o espectáculo do beneficio, e concorreram a S. Carlos uma meia duzia de pessoas.

Na Sexta feira deram-nos duas danças em vez da promettida *Virginia*, que decididamente irá no Domingo. Estamos anciosos por ver esta produção original de um compositor nosso, a quem desde já podemos dizer que o desejavamos inspirado por um *libreto* bem escripto

— qual nos cousta não ser o que escolheu, vulgar e barbaro recosido de palavras, ouvimos dizer, cheio de solecismos, e em italiano-gallego.

Theatro do Porto. — Em a noite de 21 do corrente subiu pela primeira vez á scena um novo drama original portuguez intitulado = Afonso III, ou o Valido d'ElRei = o qual foi acolhido com grandes applausos pelo publico portuense: — assim tem já o Emprezaario do Theatro Normal de S. João cumpido o seu contracto relativamente ás peças que é obrigado a apresentar, pois que é já esta a quarta. — Outro drama original portuguez = *A traição punida, ou os Portuguezes em Malaca*, havendo sido proposto para representar-se, foi depois retirado per seu auctor.

Theatros Estrangeiros.

Em BOLONHA está actualmente o primeiro basso Cartagenova, o qual se acha mui bem conceituado, e tem merecido grandes applausos na Opera = *Elena de Feitre*.

Em ARGEL tinha-se escripturado uma Companhia Italiana por sete mezes, a contar do 1.^o de Outubro.

Em BRESCIA tem-se representado a Opera italiana = *Luigia de Ligneroles*: = ignoramos seu auctor.

No Theatro de CREMONA é actualmente Choregrapho João Scannavino.

Em VENEZA estava ultimamente escrevendo o maestro Ferrari, com o Doutor-Poeta Zennaro, uma nova Opera, intitulada: *Maria Tudor*.

O primeiro tenor J. Paganini achase actualmente no Theatro de Valença.

—*—

REAL THEATRO DE S. CARLOS.

Domingo 2 = Opera nova do Mestre Miró, intitulada *Virginia*. = Dança O Triunpho d'Amor.

Segunda feira 3 = Beneficio de Antonio Luiz Miró, a 2.^a representação da opera escripta pelo Beneficiado. = *Virginia*. = Dança = O Triunpho d'Amor.

Quarta feira 5 = Repete-se o mesmo espectáculo.

Sexta feira 7 = Opera *Virginia*. = Dança = Os Portuguezes em Tanager.